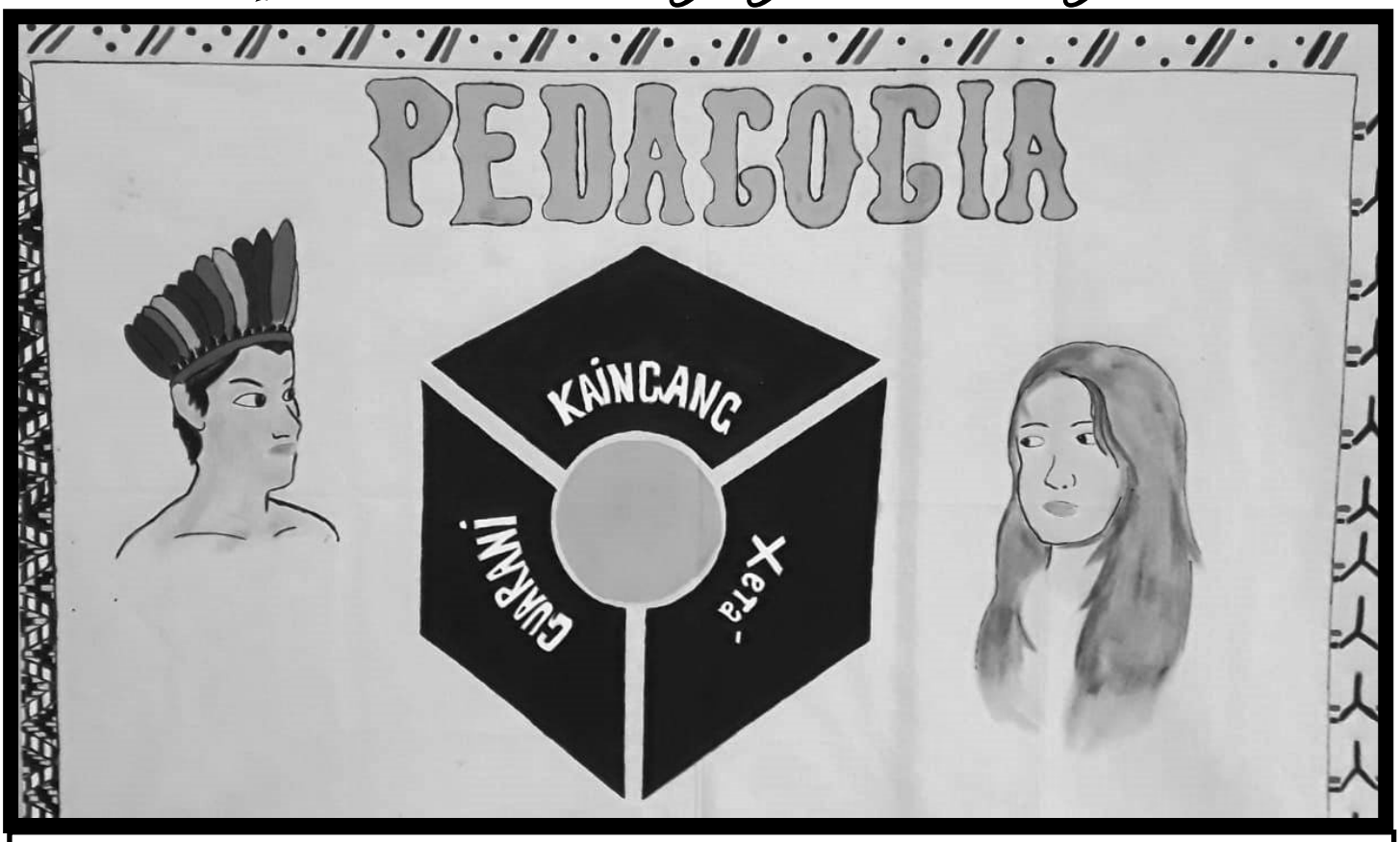
BOLETIM INFORMATIVO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E INDÍGENA

MovEcampo

https://www.unicentro.br/educacaodocampoeindigena EDIÇÃO Nº 10 - ANO 2019

Especial Pedagogia Indígena



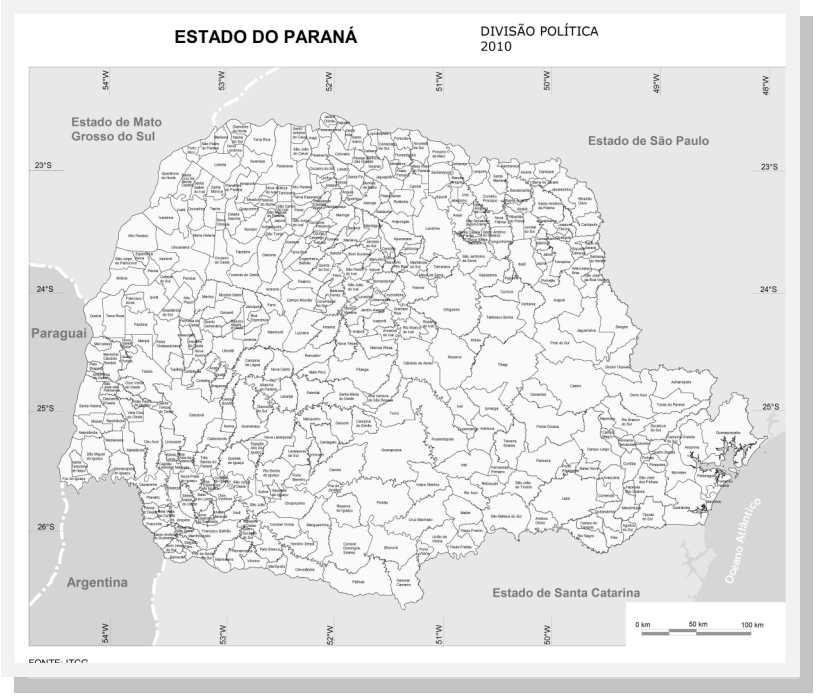
Editorial

É com muita satisfação que apresentamos a 10ª edição do Boletim Informativo da Educação do Campo e Indígena, uma edição especial produzida pelos acadêmicos e acadêmicas do Curso de Pedagogia Para os Povos Indígenas da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) que tem como objetivo divulgar e promover o debate para a avaliação do seu primeiro ano de atividades.

Nesta edição, apresentamos um panorama das escolas indígenas e mencionamos a Casa Familiar Rural de Nova Laranjeiras, alguns mitos indígenas, o Grupo de dança Goy Ki Pyn, a participação na 18ª Jornada de Agroecologia em Curitiba, o intercâmbio com a Terra Indígena Mangueirinha, entre outras informações.

Desejamos uma ótima leitura e reflexão!

Escolas Indígenas do Paraná



Dados

825 Professores no total, sendo 316 indígenas e 509 não indígenas.

Diretores; 3 indígenas e 36 não indígenas.

1 indígena efetivo na rede estadual e 315 são PSS (Processo Seletivo Simplificado).

Aproximadamente 65 indígenas têm ensino superior.

Quais são elas?

Mbya Arandu, E E Ind-Ef

Tudja Nhanderu, E E Ind Cacique-Ei Ef

Kofej, C E Ind Cacique-Ei Ef M

Onofre Kanhgren, E E I Cac-Ei Ef

Rael Vynhkag, E E Ind Indio-Ei Ef

Kajer Min-Ffe, E E I-Ei Ef

Arandu Renda, E E I-Ei E Ef

Teko Nemoingo, C E Ind-Ei Ef M

Arandu Pyahu, E E I-Ei Ef

Otavio dos Santos, C E Ind Cac-Ei Ef M

Yvy Pora, E E Ind-Ei Ef

Arandu Miri, E E I-Ei Ef

Sergio Krigrivaja Lucas, C E I P-Ei Ef M

Gregorio Kaekchot, C E I Cacique-Ei F M

Nimboeaty M Awa Tirope, E E I-Ei Ef

Valdomiro Tupa P de Lima, C E I-Ei Ef M

Ko Homu, C E I-Ei Ef M

Candoca T Fidencio, C E I Prof-Ei Efm

Carlos A C Machado, C E I-Ei Ef M

Feg-Prag Fernandes, C E I-Ei Ef M

Jose Ner-Nor Bonifacio, E E I-Ei Ef

Nestor da Silva, E E I Cel-Ei Ef

Rio das Cobras, C R E I-Ef M

Benedito Rokag, C E I-Ef M

Joao Kavagtan Vergilio, E E I-Ei Ef

Roseno Vokrig Cardoso, E E I-Ei Ef

Kuaray Guata Pora, E E I-Ei Ef

Emilia Jera Poty, E E I-Ei Ef

Pindoty, C E I-Ei Ef M

Guavira Poty, E E Ind-Ei Ef

Jykre Tag, E E Ind-Ei F

Vera Tupa, E E Ind-Ei Ef

Nitotu, E E Ind-Ei Ef

Kokoj Ty Han Ja, C E I-Ei Ef M

Segso Tanh Sa, C E I-Ei Ef M

Crispim Gy Mu, C E I Cacique-Ei Ef M

Nur-Fe, E E I Cacique-Ei Ef

Araju Pora, E E I-Ei Ef

Kuaa Mbo E, C E I-Ei Ef M

Mbyja Pora, E E I-Ei Ef

Teko Nhepynrum, E E I-Ei Ef

Teko Mbo E Guarani, E E I-Ei Ef

Tekoha Poty, E E Indig-Ei Ef

Fonte: Consulta Escolas (SEED)

Casa Familiar Rural de Nova Laranjeiras

Por Eliza e Denise

A casa familiar foi um espaço muito bom que conseguiram pra nós.

Essa casa foi construída no ano de 1996, e já foi usada para acolher outras turmas de estudantes, pesquisando um pouquinho e conversando com os proprietários, soubemos que a casa estava parada faz tempo, os proprietários que são Padre Mario e Nelci Passarim, e o responsável pela casa Valnei Polidoro.

Mas infelizmente a casa pegou fogo dia 24 de julho de 2019, não se sabe se o incêndio foi criminoso ou não.

Os acadêmicos da Pedagogia Indígena agradecem muito pela hospedagem, e o cuidado que tiveram com a nossa turma, agradecemos o Volnei também pelas mexericas que nós pegamos.

Grupo de dança Goy Ki Pyn

Por Matheus

Foto: Facebook

O grupo de dança Gy Ki Pyn, é formado por etnias Kaingang, por juventude da comunidade do Rio das Cobras, composto por 30 integrantes incluindo alunos, professores, acadêmicos e os demais da aldeia.

Em todos os sábados e domingos, os membros do grupo se reúnem para ensaiar, compor músicas novas, e também para falar da cultura e costumes Kaigangs para fortalecer a cultura.

As vezes o grupo é convidado para fazer apresentação de dança e falar da cultura Kaingang.

No dia 17 de setembro de 2019, o grupo Goy Ki Pyn foi convidado para participar do III ATL -SUL em SC. Segunda vez que o grupo está participando desse evento.

Se a caso tiver interesse para convidar para fazer apresentação de cultura de danças entre em contato: (42) 8433-8389, ou pelo facebook grupo de dança Goy Ki Pyn.

Acadêmicos da Pedagogia Indígena participam de Audiência Pública

Os acadêmicos da Pedagogia Indígena participaram em Chapecó-SC da 6ª audiência pública para elaboração do 1º Plano Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) no dia 17 de outubro de 2019.

Outras audiências também serão realizadas em todas as regiões do país com o objetivo de construir esse plano coletivamente.

Professor Ananias, Cacique Guarani faz questionamentos sobre a liberação dos estudantes indígenas por parte do Estado (cumprir com a legislação específica) para a fazer o curso de graduação em Pedagogia Indígena!

Visita ao Zoológico de Curitiba e Museu Paranaense

Por Jeciel de Souza e Adriano Jéco.

No dia 30 de agosto, o Dr. Florencio Rékaz Fernandes da etnia Kaingang (indígena) levou os acadêmicos da pedagogia indígena para conhecer o zoológico de Curitiba.

Além de ir para o Zoológico os acadêmicos foram para o Museu do Paranaense, para ver as obras antigas de seus antepassados.

À noite, o do grupo do MST convidou os acadêmicos da pedagogia indígena, para participar do BOA NOITE LULA. Ao chegar no local as três etnias que estavam presentes, juntaram-se a MST, começando acender as velas, com as velas em nossas mãos, cada etnia indígena começou a cantar suas músicas mais sagradas, danças mais sagradas, do deus dos Indígenas, Kaingang, Guarani e Xeta, que estavam presentes. Cada etnia indígena deu seu boa noite pedindo para que o seu deus proteja o "Presidente Lula".

No dia 31 de agosto, houve a palestra do conhecimento em movimento no teatro da Reitoria da UFPR – A programação no teatro foram, oficinas, lançamento de livros, pesquisas de extensão das Universidades Públicas e palestras.

A palestra discutia sobre a reforma tributárias, economia, democracia, direito, desenvolvimento econômico etc.

As 14h os Acadêmicos Indígenas, retornaram para a Terra Indígena Rio das Cobras, Aldeia Sede, onde está sendo realizado o curso de Pedagogia Indígena.

Intercâmbio Terra Indígena Mangueirinha

Nesse intercâmbio com a terra indígena de Mangueirinha. Foi uma ótima viagem, aprendemos coisas jamais imaginadas, pois já na abertura a turma da acolhida no recepcionaram com a dança e apresentação dos alunos do colégio Kokój.

Depois da apresentação, foi feito a composição da mesa de honra, eu particularmente fiquei surpreso, pois fiz parte da mesa junto com os demais líderes presentes, cacique da Terra Indígena Mangueirinha, e da Palmeirinha Claudio Verissimo e Representante da Unicentro, Professora Suzete e Professora Solange Colares.

1º participação dos acadêmicos do curso de Pedagogia Indígena na 18ª Jornada de Agroecologia 2019 em Curitiba

Por Jeciel de Souza e Adriano Jéco.

Antes da abertura começar, os acadêmicos indígenas organizam seus materiais culturais dentro do Túnel do Tempo.

Às 11h, na abertura do Túnel do Tempo – "A história da luta pela terra e a construção da soberania popular no Brasil".

As pessoas começaram a entrar no Túnel, vendo o trabalho de cada seção. Ao chegar em nosso local de organização as pessoas começaram a perguntar sobre a nossa cultura, as comidas típicas, como vivemos, etc.

14h, começou a abertura da feira de agrobiodiversidade camponesa popular e culinária da terra.

Nas barracas tinham materiais culturais de alguns participantes indígenas de outra etnia.

Os acadêmicos indígenas também organizaram seus materiais na feira de agroecologia, materiais de artesanato, colares e sementes.

Outras barracas tinham alguns vegetais saldáveis, verduras, legumes, frutas, isso era organizado pelo grupo do MST.

Apresentação de nossa nação na praça Santos Andrade, com uns parentes nossos de outros povos indígenas, junto com os Professores Denize Koring Bernado, Marcos Gehrke e Marlene Sapelli.

Tekohá Guassu Guavirá território Guarani

Por Jumar Martins Rodrigues.

Tekohá Guassu Guavirá território Guarani, está localizada nos município de Guaíra, Terra Roxa e Altonia/PR.

É um territórios reivindicados pelos guarani e está em processo de demarcação.

Atualmente esta composto por 14 aldeias, no município de Guaíra tem 8 pequenas aldeias (Tekoha Karumbey, Tekoha Marangatu, Tekoha Porã, Tekoha Tatury, Tekoha Y'hovy, Tekoha Guarani) e 6 aldeias (Tekoha Araguaju, Tekoha Nhemboete, Tekoha Pohã Renda, Tekoha Tajy Poty, Tekoha Yvyporã é Tekoha Yvyraty Porã) no município de Terra Roxa.

Aproximadamente 3.000 indígenas.

Tem uma escola Estadual Mbyja Porã, onde atende somente uma aldeia (Tekoha Marangatu). Na séries iniciais até o quinto ano.

Os demais alunos estão estudando nos demais municípios. Tem um Polo Base no município que atende.

No polo base tem um médico, uma dentista, uma técnica de enfermagem e auxiliar.

Com toda a violência historicamente sofrida, à chegada de não indígenas que nos expulsaram de nossas terras, a exploração de nossos antepassados pela empresa Mate Laranjeiras, o esforço do estado brasileiro em nos confinar em pequenos pedaços de terra, o alojamento do nosso território durante o período de construção da Itaipu Binacional, apesar de tudo o que já passamos, seguimos fortes lutando pelo direito de viver em nosso território tradicional.

O não reconhecimento de nosso território tem nos causado muito sofrimento. Sem espaço para viver ao nosso modo, nossas vidas são incompletas. Em nossas Tekoha temos ainda nossos direitos básicos a saúde e educação negado. Além disso, temos um numero trezentos vezes mais alto que no resto da população de suicídios, especialmente entre jovens, por causa dessa situação .

Resistir para existir.

Terra Indígena Rios das Cobras, 17 de Setembro de 2019.

Mitos

Por Cláudio Verissimo

Mito sobre armadilhas

Aprendi a fazer as armadilhas com minha avó Olivia Verissimo. Quando eu era um adolescente.

Aprendi a primeira armadilha, que foi o lacinho, depois o quebra-cabeça, a arapuca e por fim a mondéu.

Os três primeiros são para pegar juriti, nambú, perdiz e outros pássaros. E o mandéu é para pegar pereã, mas não cheguei a fazer armadilhas maiores.

Como é para contar o mito, essa é uma delas. E minha avó era Guaraní. Dizia ela que os três primeiros que é pego nessas armadilhas. Não era para comer e eu levava para meus pais. Porque ela falava que se comer não iria mais pegar. E que era para mim comer só depois de pegar de quatro a cinco aves. E assim que fizesse a armadilha sempre iria pegar e se eu comer raramente pegaria novamente. Na pesca também era a mesma palavra que ela falava. Por isso eu pegava mas trazia para meus pais e meus irmãos. E sempre seguia essa regra que ela falava.

Agora não sei se era mito ou verdade, porque agora em dia não se acredita mais nisso. E eu particularmente acreditava, por isso eu não comia.

Por isso se no caso fizer agora ou depois tenho certeza que vou pegar muitos pássaros.

E isso a minha avó falava, não se é verdade ou mito. Isso a avó dizia para os netos.

Por Matheus

Antigamente nossos antepassados se alimentavam de verduras do mato e frutos, quando estes faltaram, eles passaram fome, mais um dia Sãgfy resolveu roçar para fazer uma pequena lavoura.

Naquela época, não tinha foice e o Sãfy pegou um pedaço de pau e com ele fez uma roça nos taquarais, em seguida queimou, feito isso ele disse o que plantaria.

Mas naquela época não tinha sementes para plantar, e o pai do Sagfy chegou lá, ficou com pena dele pediu que o filho procurasse um cipó grosso. Quando ele já havia trazido o cipó grosso, o seu pai disse: - Agora me amarre pelo meu pescoço e arraste-me pela roça em diferentes direções.

Quando o Sagfy arrastou o seu pai, caiu dentes dele e virou milho, e os olhos cairão e viraram feijão-preto e feijão-branco, as costelas também caíram, e virarão feijão cavalo, o pênis caiu e virou mandioca, e testículos caíram e viraram batata-doce e por último caíram as unhas dos pés que virarão feijão largo. Essa é a fala do velho que sempre lembramos. E quando a roça estava madura chamaram todos os parentes.

Agora plantam todos os anos, isso livra os Kaingangs da fome.

Charge dos Acadêmicos (as)

BREVE SÍNTESE DO TRABALHO NA DISCIPLINA FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na disciplina de Fundamentos da Educação Infantil, ministrada pela Professora Solange Apª de O. Collares e pelo Professor Marcos Gehrke, foram trabalhados os seguintes conceitos: criança, infância, educação, tendo como objetivo compreendê-los como categorias distintas e produzidas histórica e socialmente, bem como as questões e contradições que envolvem a infância e a criança na atualidade. Os estudos oportunizaram a discussão de conceitos apontados por alguns autores da área, dentre eles, OLIVEIRA(2005), KUHLMANN(1996), ARIÈS(1981), KRAMER(1995) , com a finalidade de aproximar os acadêmicos de teorias que fundamentam o trabalho com crianças, com leituras conjuntas e debates para melhor compreensão.

Por oportuno, trouxemos um pouco da produção dos acadêmicos do Curso de Pedagogia Indígena, da Unicentro, desenvolvido em **Terra Indígena Rio das Cobras,** resultado de atividades.

Levando a pensar o que é ser criança.

"Ser criança é brincar sem se preocupar, correr feliz, alegre todos os dias, ter aquele nosso mundo que é só nosso, no qual usam a imaginação para tudo ".

(Denise)

Ser criança é ser pequeno, chorão, fofo, cheiroso.
Criança é ser bebê, ser humano antes de ser adulto.
Ser criança viver feliz, com a proteção dos pais.
Criança é viver sem preocupação de nada, de início só completar a família.

Ser criança é ser cheio de curiosidades para aprender, brincar, correr, sentir, pular, sem temer.

Ser criança é ser inocente, sem desenvolver rancor pelas coisas ruins que acontecem com ela.

Iumar Martins Rodrigues)

Infância

O que é infância?

A infância foi vista como um tempo de preparação para a vida adulta. Na primeira infância, ela aprende sobre o espaço da casa da aldeia. É o tempo de aprender as brincadeiras e os brinquedos de se comunicar com as crianças da mesma idade ou maiores; aprender as regras postas por um indivíduo, enfim, situações presentes na vida de sua família e na comunidade.

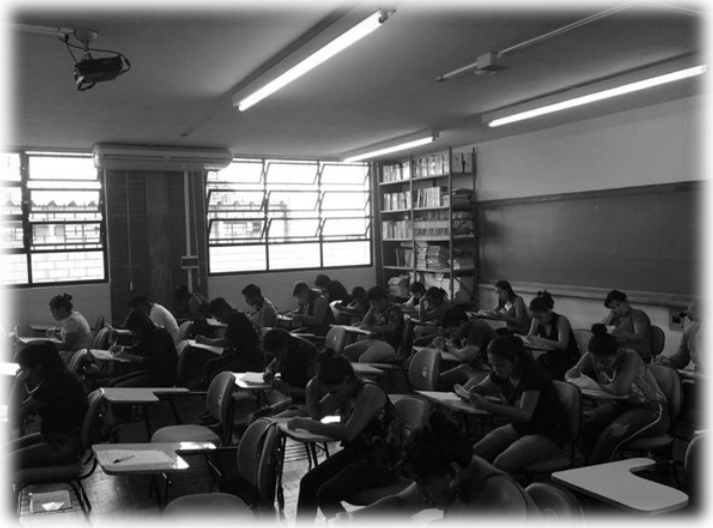
(Ademar, Josemar, Paula, Cristielly, Adriana, Eliza)

Podemos dizer que a infância, mais do que um período definido biológico, é uma categoria que surge ao longo das transformações da sociedade e se torna uma referência histórica, cultural e social.

(Iumar, Diéssica, Helena, Marissandro, Analice, Odair, Rafael).

Memória

2ª Etapa do Curso de Pedagogia para os Povos Indígenas no Colégio Rio das Cobras – Agosto de 2019.



27 de Março de 2019- Vestibular Pedagogia para os Povos Indígenas em Cornélio Procópio-Pr. Ele também foi ofertado nos municípios de Guarapuava, Chopinzinho, Laranjeiras do Sul e Matinhos.

Por Suzete, Luciano e Jonas.

A floresta era uma área grande de terra, em qualquer lugar tinha árvores cobertas de vegetações que hoje são produzidas as madeiras, onde as matas são salvas e alguns são nomes populares da floresta.

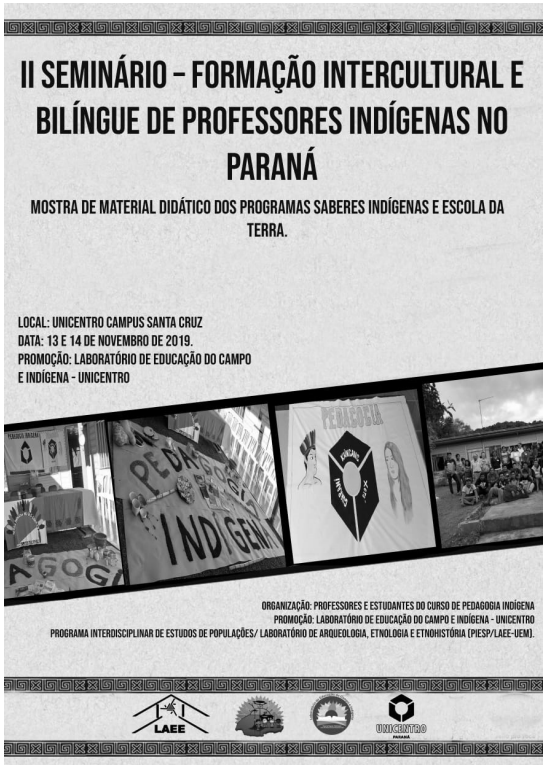
Pois as Florestas são Plantadas ou naturais. Eles são naturais quando se encontram em seu estado original sem intervenção humana.

As Florestas eram aquelas que nunca sofreram derrubada ou corte originais de uma região.

Depois de alguns anos começou a.....

A mata existe porque o índio existe.
Agroecologia é a saída do Brasil.

Evento de avaliação



Expediente

Elaboração: Acadêmicos (as) da Pedagogia para os Povos Indígenas
Edição e diagramação: Laboratório da Educação do Campo e Indígena
Distribuição: Universidades e Escolas do Campo
Tiragem: 200 exemplares
Cidade: Guarapuava –Pr

Realização:

ARTICULAÇÃO PARANAENSE POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Laboratório de Educação do Campo e Indígena

UNICENTRO PARANÁ